



UNILAB

Universidade da Integração Internacional
da Lusofonia Afro-Brasileira

**INSTITUTO DE HUMANIDADES
BACHARELADO INTERDICIPINARES EM HUMANIDADES**

ALICE MARTINS DOS REIS

**IMPACTO DA EDUCAÇÃO QUILOMBOLA DA COMUNIDADE DO
EVARISTO NA COMUNIDADE DO JORDÃO: AS RELAÇÕES
ÉTNICO-RACIAIS, ESTIGMAS E PRECONCEITO.**

REDENÇÃO-CE

2018

ALICE MARTINS DOS REIS
Alicemartins123am09@gmail.com

**IMPACTO DA EDUCAÇÃO QUILOMBOLA DA COMUNIDADE DO
EVARISTO NA COMUNIDADE DO JORDÃO: AS RELAÇÕES
ÉTNICO-RACIAIS, ESTIGMAS E PRECONCEITO.**

Trabalho de conclusão de curso em formato de projeto de pesquisa do curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira, como requisito parcial à obtenção de título de Bacharel em Humanidades

Orientador: Prof. Dr. Luís Tomás Domingos

**REDENÇÃO
2018**

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pela dádiva da vida, por toda força e esperança, superando todas as expectativas da vida, me permitiu ter a oportunidade de concluir mais uma etapa.

Em segundo, as mulheres da minha vida, exemplo de força, dedicação. As minhas Marias, meu exemplo de vida e orgulho, minha mãe, minha Maria que me gerou, e com todas as possibilidades de dá errado prosseguiu, com fé e força. Minha avó, a Maria que me criou, e se dedicou tanto para que eu pudesse ter uma vida melhor. Sem vocês de modo algum estaria aqui.

A vocês dedico toda a minha vida. E a todas as Marias que seguem com garra e determinação por seus filhos.

SUMÁRIO

1. RESUMO	6
1. APRESENTAÇÃO	7
2. JUSTIFICATIVA	9
3. DELIMITAÇÃO/PROBLEMA DE PESQUISA	12
4. OBJETIVOS	13
4.1. OBJETIVO GERAL	13
4.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	13
5. HIPÓTESES	14
6. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
6.1. QUILOMBO SERRA DO EVARISTO: PERTENCE DE IDENTIDADE A PARTIR DA RESISTÊNCIA	15
6.2. EDUCAÇÃO QUILOMBOLA E AS RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS	17
6.3. COMUNIDADE DO JORDÃO: PRECONCEITOS E IDENTIDADE.....	18
6.4. HERANÇA: SILÊNCIO FAMILIAR, INSTITUCIONAL, TRAUMAS.	23
6.5. ESTEREÓTIPOS: CABELO, COR, QUEM EU SOU?	25
7. METODOLOGIA	29
8. CRONOGRAMA	31
REFERÊNCIAS	32

1. RESUMO

O presente projeto busca identificar ações e causas preconceituosas vinda pelos moradores da comunidade do Jordão-CE para com os moradores da comunidade quilombola do Evaristo-CE, refletindo essas ações no meio social, familiar, escolar e na construção identitária. Analisar o impacto da escola Osório Julião, localizada na comunidade do Evaristo na qual trabalha uma educação das Relações Étnico-Raciais, aos alunos da escola Francisco Airton Amora Vasconcelos, e como se deu esse processo.

Palavras – chave: Relações, Étnicos-Racial, Preconceito, Impactos, Identidade.

1. APRESENTAÇÃO

Nosso projeto visa, observar e questionar o impacto de uma educação “diferenciada” na escola Osório Julião localizada na comunidade quilombola da serra do Evaristo trabalhando as questões étnico-raciais com alunos da escola Francisco Airton Amora Vasconcelos assentado na comunidade do Jordão. Crianças fruto de uma pedagogia omissa e de uma comunidade construída pelos estigmas e preconceitos criados, que ao longo das décadas foram internalizados pela família, sendo reforçada no ambiente escolar pelos professores, livros didáticos, pela falta de uma educação das relações étnico-raciais e da ausência de representatividade verdadeira da estética negra. Fazendo assim, uma transfiguração na identidade das crianças negras do Jordão que não se aceitam como negras, transformando-as em crianças inseguras, que não se aceitam como são, influenciando-as em uma busca incansável na construção e modificação de seus corpos/cabelo alterando sua identidade para algo que não lhe pertence, para que apenas seja aceita por esses processos e padrões criados para a branquitude.

Atitudes preconceituosas, racistas dos moradores do Jordão na qual a maior parte dos moradores são negros, para com os moradores quilombolas do Evaristo, atitudes cotidianas tidas como normais causadas pela problemática de identidade encontrada nos moradores negros da comunidade do Jordão sendo transmitidas e fortificada pela escola da comunidade do Jordão.

Observar as diretrizes curriculares da escola Osório Julião baseada na lei 10.639 e a necessidade desta implantação no PPP da escola Francisco Airton Amora Vasconcelos, no entanto os empecilhos nas bases de formação dos docentes faça com que haja omissões na efetivação de uma educação das relações étnico-raciais.

Como a apropriação da identidade negra feita pelos moradores quilombolas do Evaristo foi vista pelos novos alunos, como foi trabalhada as relações étnico-raciais.

o desígnio do projeto é trazer como guia a escola da comunidade quilombola da serra do evaristo, como ela impactou a educação da comunidade do Jordão e aos alunos, destacando a importância de promover a inserção da história africana e afro-brasileira, o real significado de quilombo, e dentre esse tema abordar outras diretrizes, colocando em ênfase a comunidade do jordão a oportunidade de conhecer uma representação mais fiel sobre quilombo, negritude e identidade. A intenção do projeto é atingir o calcanhar de aquiles da comunidade, a escola como reprodutora de preconceitos e estigmas, e a família como base nesses processos de

internalização desses processos violentos e traumáticos. O projeto também baseia-se na lei 10.639 sancionada em 09 de janeiro de 2003.

Examinar o impacto que a educação das relações étnico-raciais trabalhada na pedagogia da escola Osório Julião situada na comunidade quilombola da serra do Evaristo causou aos alunos transferidos da comunidade do Jordão, mesmo com a resistência dos pais por não aceitarem uma educação “diferenciada” para seus filhos por não serem negros descendentes de quilombo.

2. JUSTIFICATIVA

Inicialmente o intenção do projeto foi simplesmente acadêmico, porém no decorrer do processo em busca de conhecimento e respostas me surpreendi com o que me deparei ou melhor com quem, encontrei a mim mesma, estava perdida e não sabia, ou não queria admitir. estou inserida na comunidade do jordão há 14 anos, eu sempre a olhava porém nunca a via, a partir do momento que consegui vê-la como a minha comunidade e observar os moradores e todas as situações do cotidiano lembrei-me de uma parte de mim que meu subconsciente havia guardado como que auto defesa, recordei-me de traumas e situações difíceis que haviam sido esquecidas. Uma vez ouvi um amigo dizer que sempre havia sido ensinado a resolver primeiro os problemas de casa antes de querer resolver as do mundo, recordei-me desta frase ao assumir os problemas que haviam na minha comunidade “minha casa”, por isso escolhi defender esse projeto ou melhor acho que ele me escolheu, hoje estou defendendo algo que a anos atrás eu tinha vergonha, vergonha de fazer parte da minha comunidade, vergonha por ter sido criada pelos avós, vergonha por não ter tido pais presentes, vergonha do meu cabelo, vergonha de assumir que era filha de um homem negro, mas não era vergonha por ter um pai negro, mas por ouvir dele as dúvidas de ser meu pai por eu ter nascido com a cor da pele menos retinta que a dele, eu tinha vergonha da minha história. Recordei-me do bullying que passei na escola por causa do meu cabelo por ser cacheado, de ouvir insultos como “cabelo ruim” “pixaim” “vassoura”. Havia um menino que me apelidou de “bombрил”, passei dois anos do ensino fundamental sendo titulada por esse termo cruel e em casa chorava com a minha vó penteando fazendo tranças, colocando várias presilhas que de acordo com ela era para o meu cabelo deixar de ficar ruim, meu cabelo era a pior parte de mim, até chegar no 8 ano do fundamental quando decidi alisar, minha família inteira apoiou, disseram que foi o dinheiro mais bem gasto, que tinha ficado perfeito, que meu cabelo estava bom, e na escola pararam de me chamar de nomes, e comecei a fazer parte dos grupos populares e comecei a fazer o mal que faziam para mim.

Antes de ingressar na unilab decidi cortar o cabelo e voltar para o que era meu, minha maior dificuldade foi a aceitação em minha casa, ninguém me apoiou disseram coisas horríveis porém não cedi, continuei com o meu processo de volta para mim e já faz quase dois anos que estou nessa caminhada sem arrependimentos me amando cada vez mais da exata maneira que fui feita.

durante o processo do meu projeto evolui intelectualmente, a evolução da minha humanidade, e principalmente quanto a mulher. Sentir na pele o peso do preconceito, da discriminação,

e por um momento senti-me inferiorizada, me veio a ânsia em duração de poucos minutos o desejo de ser branca.

Da parte mais negra de minha alma, através da zona de meias-tintas, me vem este desejo repentino de ser branco.\ não quero ser reconhecido como negro, e sim como branco.\ ora - e nisto há um reconhecimento que Hegel não descreveu - quem pode proporcioná-lo se não a branca amando-me ela me prova que sou digno de um amor branco.\ sou amado como um branco. sou um branco. (FANON, 1952, p. 69)

Como não sentir esse anseio de mudança, se durante toda a minha vida tratada como branca quando me deparo com a realidade ser arrancada de mim assim tão bruscamente, uma ideologia internalizada em mim durante toda a minha história.

Recordo-me de minha primeira orientação quando a primeira pergunta que meu orientador fez foi “Quem é Alice”? essa foi a pergunta que me fez calar, porém se hoje me perguntar saberei responder com exatidão, sou uma mulher empoderada, negra, de cabelo encaracolado, filha de um negro, da comunidade do Jordão.

Após todos esses processos de desconstrução o que mais me inquietou foi relembrar de minhas vivências traumáticas que tive na minha escola no ensino fundamental, na comunidade do Jordão que na época intitulada Vasco Furtado, da forma como meu cabelo cacheado me fazia ser menos vista, aceita, menos bonita, lembro de minha professora dizendo que eu era exótica por não ter a cor pele branca. Esses preconceitos me afetaram bastante, me tornando uma adolescente insegura, tive que mudar para ser melhor aceita. De tanto ouvir meus professores, colegas, familiares de como eu ficaria melhor se eu mudasse algo, que fiz.

Acreditei que após eu mudar ia me tornar alguém melhor, repeti tanto isso pra mim que acreditei. Um processo tão doloroso físico e psicológico que após alguns anos eu já não sentia tanto, amenizou a dor porque outra pessoa foi construída, outra identidade, outras ações que foram me fragmentando ao longo dos anos, quando percebi eu já estava tão despedaçada, que para me refazer foi outro processo longo, doloroso de desconstrução na busca de sua autoafirmação, no reconhecimento de sua identidade.

Após tantas recordações lembrei do quanto minha prima amada na qual tomo como irmã, que cuidei tanto quando criança apanhava de sua mãe no momento do banho quando ela ia pentear, pois a mãe puxava tanto, reclamava tanto que minha prima fugia, quando pedia para alguém pentear o cabelo dela ninguém se oferecia, apenas eu e minha vó, aquela ação era tão corriqueira que minha prima com 2 anos não queria deixar ninguém tocar em seu cabelo e

uma dia escondida o cortou com a tesoura, e apanhou por isso. Remexer nesse baú me emocionou ao pensar em quantas alices, marias e franciscas sofreram e sofrem calada com esses processos excludentes na escola e na própria família. Contudo chego a conclusão que o nosso projeto abrirá caminho para futuras mudanças na comunidade do Jordão, no âmbito escolar, familiar e entre os moradores mostrando a importância de uma educação das relações étnico-raciais para a construção identitária e sua auto-afirmação.

3. DELIMITAÇÃO/PROBLEMA DE PESQUISA

Diante das dificuldades encontrados no ensino, a didática e a formação dos docentes na escola da comunidade do Jordão como a falta da didática nas relações étnico-raciais podem afetar as relações interpessoais entre criança-criança, criança- professor, criança-família, pois a educação não se reduz apenas na escolarização:

A educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade. Formas de educação que produzem e praticam, para que elas reproduzam, entre todos os que ensinam e aprendem, o saber que atravessa as palavras da tribo, os códigos sociais de conduta, as regras do trabalho, os segredos da arte ou da religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para reinventar, todos os dias, a vida do grupo e a de cada um de seus sujeitos, através de trocas sem fim com a natureza e entre os homens, trocas que existem dentro do mundo social onde a própria educação habita, e desde onde ajuda a explicar – às vezes a ocultar, a necessidade da existência de sua ordem. (BRANDÃO, 1981, p. 10-11)

Será que pode ser construída uma educação capaz de evitar conflitos de maneira pacífica? colocando em prática o respeito à diferença de suas culturas e etnia sendo capaz de resolver-las. (DOMINGOS, 2017, p. 197)

Como as práticas discriminatórias cotidianas vista pelos moradores da comunidade do Jordão, seja elas no núcleo familiar ou entre os mesmos afeta a criança no ambiente escolar com o próximo, ou como a falta de suporte dos educadores as práticas preconceituosas e discriminatórias podem afetar a criança em seu núcleo familiar.

Descobrir como a transferência das crianças do colégio Francisco Airton Amora Vasconcelos da comunidade do Jordão após a resistência dos pais para não serem transferidos, como a didáticas das relações étnicas-raciais da comunidade quilombola do Evaristo impactou nas crianças transferidas do Jordão, na qual reprodutora dos estigmas e preconceitos perpassados pela família, escola e amigos. E até que ponto é diferenciada a educação da escola do Evaristo. A educação poderia modificar, transformar essas discriminações, estigmas e preconceitos nos moradores da comunidade do Jordão?

4. OBJETIVOS

4.1. OBJETIVO GERAL

- Compreender a construção identitária dos moradores da comunidade do Jordão-CE nas quais, internalizado as práticas preconceituosas e estigmas para com a comunidade quilombola da serra do Evaristo-CE, transparecendo no cotidiano da comunidade no núcleo familiar e principalmente na escola. Tomando como ponto central a comunidade do Jordão, como o ensino didático da escola Osório Julião na comunidade do Evaristo impactou aos alunos transferidos da escola Francisco Airton Amora Vasconcelos localizado no Jordão.

4.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Entender como as práticas preconceituosas, estigmas e as relações étnico-raciais afetam na construção identitária dos moradores do Jordão perpassando para as crianças.
- Analisar a ausência de uma didática das relações étnico-raciais no ensino básico podem afetar nas relações interpessoais criando preconceitos e discriminação dentro da escola
- Perceber como os processos discriminatórios ocorrido no âmbito escolar da Comunidade do Jordão e reforçado no núcleo familiar podem ser traumatizantes e influenciadora na formação identitária e social das crianças da comunidade.
- Observar até que ponto uma educação diferenciada que foge das práticas pedagógicas comuns, no caso da escola Osório Julião do Evaristo impactou aos alunos transferidos da comunidade do Jordão.

5. HIPÓTESES

Há todo um conjunto formado que fez e faz impactos na educação da escola Francisco Airton Amora Vasconcelos. Primeiramente os estigmas internalizados pelos moradores do Jordão, na qual os traumas que o processo da colonização nos deixaram, que ainda hoje as correntes que aprisionavam o corpo foram quebrados porém as que acorrentam a mente infelizmente ainda são em muitos casos intactas e perpassadas. Por esse motivo, os moradores da comunidade do Jordão em sua maioria negros não se auto-afirmam negros, reproduzem estigmas e preconceitos para com os moradores da comunidade quilombola do Evaristo, representando a imagem negra a inferioridade. Deste modo as crianças ao presenciarem tais atitudes habituais na comunidade do Jordão, nos espaços familiar e institucional se tornam novas reprodutoras de preconceito e discriminação.

A escola como um dos meios formadores não só de saberes mas de ideologias, crenças, ideias, é uma considerável atuante na reprodução de racismo, preconceito e discriminação, causada pela omissão dos docentes por não ser trabalhado didáticas das relações étnico-raciais, não ter inserido em suas diretrizes pedagógicas (PPP) uma representatividade verdadeira sobre negritude dentro da sala de aula.

A imagem estereotipada do corpo negro, como inferior, excluído, feio, causa a negação de semelhança, em razão disto os moradores negros da comunidade do Jordão se auto-afirmam de quaisquer outras cores, menos negro, buscando sempre artimanhas de se assemelhar o mais longe possível da imagem negra.

Conclui-se que, a falta de representatividade da imagem negra, e a inexistente prática de debates, projetos, sobre estética africana é o principal motivo criador de preconceitos, estigmas e discriminação, dificultando a inserção das práticas de relações étnico-raciais.

6. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Como proposta para solidificar nosso projeto que, propõe-se observar e questionar o impacto de uma educação “diferenciada”, trabalhada em uma escola e em outra não. A execução da lei 10.639, e as relações étnico-raciais das duas escolas de ensino fundamental públicas na zona rural de Baturité. A escola de ensino fundamental Osório Julião localizado na comunidade quilombola do Evaristo, e a escola Francisco Airton Amora Vasconcelos localizada na comunidade do Jordão. visando identificar as dificuldades de aceitação identitária, preconceito racial e os estigmas impostos da comunidade do Jordão sobre a comunidade do Evaristo, Transparecendo no ambiente escolar, no meio familiar, ressaltando-a como a base que nutre o racismo, preconceitos e a construção de estereótipos e estigmas (DOMINGOS, 2018)¹

Visando principalmente a comunidade do Jordão, os educadores como reagem ao se deparar com situações preconceituosas dentro da sala de aula ? como se é trabalhando as relações étnico-raciais com as crianças? qual didática é utilizada? de como a base familiar dessas crianças é construída em cima desses estereótipos, estigmas e preconceitos.

Para o fortalecimento da estrutura do nosso projeto será usado um conjunto de autores abordando as seguintes questões como, quilombo e educação quilombola, que terá como referência a comunidade quilombola do Evaristo. posteriormente trazendo autores para explicitar as questões de preconceito, discriminação, identidade e as as práticas das relações étnico raciais na educação básica tendo em foco a escola da comunidade do Jordão.

6.1. QUILOMBO SERRA DO EVARISTO: PERTENCE DE IDENTIDADE A PARTIR DA RESISTÊNCIA

A comunidade quilombola da serra do evaristo localizada na zona rural da cidade de baturité, a pouco mais de 7 km até o centro da cidade. há 111 km da capital do Ceará, Fortaleza. onde situa-se a 4 km da comunidade do Jordão. Composta por aproximadamente 160 famílias, tendo uma divisão das primeiras famílias da comunidade sendo eles os Bentos, Soares, Venâncios, Juliões e os Leandros.

¹ DOMINGOS, Luís Tomás. CONTEXTO GERAL. Rede União. **Youtube**. 02 out. 2018. 53 min18seg.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pLNrM3rfrCO>>

De acordo com o representante da comunidade Evandro que, residente na comunidade a pouco mais de 25 anos, sendo participante das várias áreas da comunidade, tanto educacional quanto pela busca da melhoria da comunidade e seu âmbito social, estrutural e histórico, sendo um dos cuidadores do museu comunitário do Evaristo. Definida por sua resistência e luta, a comunidade quilombola do Evaristo têm composta em sua narrativa uma ancestralidade muito forte de um povo resistente, que tem orgulho de fazer parte dessa história e uma apropriação muito forte de identidade. todos os moradores da comunidade se auto intitulam negros, com muita emponderação.

É importante perceber que o conceito de identidade deve ser investigado e analisado não porque os antropólogos decretaram sua importância (diferentemente do conceito de classe social, por exemplo), mas porque ele é um conceito vital para os grupos sociais contemporâneos que o reivindicam (NOVAES, 1993: 24).

Reconhecida em 2010 como uma comunidade quilombola, a consciência dos moradores da comunidade é bem próspera entre os mesmos, que assumem com altivez sua descendência africana e a cor negra de sua pele, onde é notável dentre a maioria a honra de ser quilombola.

O território quilombola se constitui enquanto um agrupamento de pessoas que se reconhecem com a mesma ascendência étnica, que passam por inúmeros processos de transformações culturais como formas de adaptação resultantes do caminhar da história, mas se mantêm, se fortalecem e redimensionam as suas redes de solidariedade (RATTS, 2004, p. 77-88)

Para além de comunidade quilombola, foi reconhecida também como uma comunidade indígena após a descoberta de artefatos, urnas funerárias, potes, pelo Instituto Patrimônio Histórico Artístico Nacional (Iphan), construindo assim o museu comunitário da comunidade, inaugurado em 25 de setembro de 2013.

A comunidade quilombola da serra evaristo tendo também descendência indígena, é símbolo de luta e resistência, em sua peleja cotidiana superando a seca, a falta de oportunidades, a escassez do acesso à saúde permanece firme, forte, e fiel a suas origens.

O quilombo representa um instrumento vigoroso no processo de reconhecimento da identidade negra brasileira para uma maior autoafirmação étnica e nacional. O fato de ter existido como uma brecha no sistema em que negros estavam moralmente submetidos projeta uma

esperança de que instituições semelhantes possam atuar no presente ao lado de várias outras manifestações de reforço à identidade cultural.

(NASCIMENTO,2006, p.91)

Onde os jovens mantêm a ancestralidade e a ritualidade da comunidade, dançam capoeira, a tradicional dança de São Gonçalo, agradecendo aos ancestrais e aos santos todas as bênçãos alcançadas e cumprindo as promessas feitas, um ato lindo de preservação da história, repassando sempre os ensinamentos dos antepassados. “Para todo o segmento negro e para os quilombolas em especial, os vínculos entre educar e formar são ancestrais, não são atributos exclusivos da escola; ancestralidade é tudo o que antecede ao que somos, por isso ela nos forma”.(NUNES, 2006, p.144)

6.2. EDUCAÇÃO QUILOMBOLA E AS RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS

O árduo trabalho de vincular a educação com as relações étnico-raciais é de um longo processo de desconstrução, principalmente em comunidades quilombolas.

A necessidade de pensar as diretrizes para a educação em comunidades quilombolas em termos de concepções gerais, que abranjam a diversidade étnico-racial. Pensar em educação quilombola não significa o afastamento de um debate mais amplo sobre a educação da população negra de todo país[...] que apresenta índices de escolaridade e alfabetização inferiores à população branca. (NUNES, 2006, p.143)

Nas diversas comunidades quilombolas em seus extensos territórios é comum haver escolas localizadas em seu interior, porém na maioria das vezes a evasão de crianças e jovens para estudar no centro da cidade de sua região seja temporária ou efetivamente é um índice considerável. (Nunes, 2006, p.142)

Mesmo com a dificuldade políticas públicas a escola Osório Julião tem em seu ensino, atividades e materiais didáticos que ajudam as crianças a conhecer a história da comunidade quilombola da Serra do Evaristo, e sobre a historicidade de África, que ajuda na formação identitária dessas crianças, que é de extrema importância essa construção vinda de sua base, pois a comunidade traz consigo o papel para auxiliar a formação da identidade social dessas crianças. Segundo Berger e Luckmann (1976. p. 230) “A identidade é um fenômeno que deriva da dialética entre um indivíduo e a sociedade”. Neste contexto podemos dizer que a comunidade onde estamos inseridos tem um impacto considerável sobre nossa formação, pois

pensar em uma educação que contemple as relações étnico-raciais no interior de uma comunidade negra significa dar corpo a outros saberes, saberes mais “abertos”, que dêem dinamicidade e consciência aos saberes “fechados”. (Arroyo, 2001, p.)

De acordo com Evandro, representante da comunidade o maior problema da escola é a alta rotatividade de professores, pois à dificuldade de acessar a comunidade faz com que alguns professores desistam de ir até a comunidade, de acordo com ele e alguns professores tentam incluir a as relações étnico raciais, além de a história da comunidade, através da didática, de contação de história, antes através da aprendizagem oral em conversas cotidianas com os moradores mais idosos da comunidade, assim era repassada todo o conhecimento vivido, histórias dentre outras. Porém atualmente é usado os meios didáticos dentro da sala de aula, pois os mais velhos moradores da comunidade levaram consigo o conhecimento vivido ao longo de sua vida, conhecimento na qual não foi registrado em livros ou em qualquer outra forma além da memória de quem a viveu. Logo alguns conhecimentos se perderam no tempo deixando em branco os passos trilhados de um caminho de luta e resistência, como se não houvesse passado ninguém ali. “Cada ancião que morre é uma biblioteca que se queima” (BÂ, 2003)

Na tentativa de manter acesa a chama da resistência e perpassar para a nova geração, a escola da comunidade do Evaristo busca meios de fortalecer as bases transformando os jovens descendentes de quilombo as colunas resistentes da comunidade, levando meios para a aceitação de sua identidade, corpo, cabelo. Transformando jovens inseguros por causa da sua cor da pele ou seu cabelo em jovens orgulhosos de suas raízes, “vai além da simples identificação racial. Ela não somente é uma busca de identidade enquanto forma positiva de afirmação da personalidade negra, mas também, um argumento político diante de uma relação de dominação” (D`Adesky,2001, p.140)

6.3. COMUNIDADE DO JORDÃO: PRECONCEITOS E IDENTIDADE

Localizada na zona rural, a poucos mais de 3,5 km do centro da cidade de Baturité, há pouco mais de 120 km de Fortaleza capital do estado do Ceará, é composta por aproximadamente 300 famílias de acordo com o representante da comunidade José Ferreira, e na sua maior parte de moradores encontram-se pessoas de pele negra, porém a aceitação de sua própria cor é relutante, os próprios procuram motivos e explicações para afirmarem o porque deles não serem negros e é usado as mais variáveis formas afirmativas de termos pejorativos como, “não sou negro, sou cor de canela!”, “morronzinho”, “moreninho claro”, “café com leite” em alguns casos onde a pessoa afirma que tem a cor da pele mais escura logo

em seguida afirma que a mãe tem pele clara, ou que o pai tem olhos azuis/verdes, ou que a avó é branca loira do cabelo liso, essas questões claramente vistas de que o aceitável é a cor da pele mais clara, o cabelo liso. São as questões que o filósofo, psiquiatra Frantz Fanon trabalha em sua obra *pele negra máscaras branca* os padrões colocados pelo colonizador de que a raça branca é superior é o aceitável, no qual incita o negro a querer mudar seus hábitos, a sua identidade para ser aceito, infelizmente temos que lidar todos os dias com uma sociedade opressora e preconceituosa que se conduz de acordo com a cor da pele, onde ser negro, principalmente no Brasil que, com frequência é objeto de um olhar enviesado, pois há uma hipocrisia arraigado, resultante de uma ordem racial cuja definição é, desde a base viciada (SANTOS,200)

Eis que a luta para ser aceito independente do que tenha que se submeter, se torna o objetivo principal, à partir de tais atitudes é notável as inúmeras máscaras brancas que muitos se sentem obrigados a usar para ser aceito, onde a obrigação a usá-la ao longo da vida em busca pela aceitação de si e principalmente a dos outros, a tentativa de se encaixar no “ideal”, os estereótipos criados que são impostos pela sociedade onde se está inserido, conhecimentos perpassados tidos como absoluto e incontestável onde a cor da pele original e pura é branca, logo se não me porto como branco não serei aceito, não serei o belo, muito menos visto como padrão. Às vezes a estratégia de usar essa máscara branca torna-se questão de sobrevivência.

O corpo da pessoa também se impõem como uma marca visível e é frequente privilegiar a aparência como condição primeira de objetificação e de julgamento, criando uma linha demarcatória, que identifica e separa, a despeito das pretensões de individualidade e de cidadania do outro. (SANTOS, 2000)

Todas as dúvidas entre ser ou não ser, as problemáticas de auto-afirmação e as barreiras encontradas na nossa sociedade brasileira quando nos deparamos com a dificuldade de se trabalhar as relações étnico raciais, na qual os estigmas e traumas que foram impostos durante a violenta escravidão que foram internalizadas e até hoje possuem uma extrema influência (DOMINGOS, 2017, p, 195).

A intolerância, racismo e os pré-conceitos encontrados pelos moradores do Jordão para com os moradores quilombolas do evaristo é encontrado nas mais simples atitudes do cotidiano, sempre inferiorizando os moradores negros da comunidade, criticando a evolução da comunidade em simples acontecimentos como a implantação da internet, computadores

para a escola, livros, academia. Os moradores em seus discursos ficaram inconformados por ter tanta coisa na comunidade dos “quilombolas” e na do Jordão sendo a última.

a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. (ORLANDI, 1999, p. 15):

Trazendo para uma linguagem comum o discurso é um meio de se dirigir ao público de modo oral e verbal, explanando suas ideias, de comunicar e até mesmo de persuadir.

Em uma conversa informal observando dois moradores da comunidade do Evaristo com alguns senhores da comunidade do Jordão foi notável até mesmo nas falas, como por exemplo, quando um dos senhores do Evaristo falavam os outros senhores queriam sobrepor sua voz, interrompendo a fala, contestando e até mesmo de uma forma ofensiva chamando-os de descendentes de escravo ou rindo, os chamando de quilombola. O que mais surpreende é o quão natural essas atitudes se tornaram tanto para os moradores do Jordão em seu falar quando para os moradores da comunidade do Evaristo ouvirem.

Esses estereótipos se estendem nas relações de poderes, que se manifestam como consequências em formas, pré-conceitos, discriminação de racismo e desigualdades sociais[...] a identidade de cor, infelizmente, tem causado estragos, traumas e estigmas nas relações humanas[...] as pessoas vos dão uma identidade de acordo com fenótipos, a cor da pele. A cor da pele foi e é ainda usada como instrumento que define as relações de poderes. (DOMINGOS, 2017, p. 199)

Ainda trabalhando com a problemática dos discursos preconceituosos recorrentes dos moradores do Jordão, seja entre amigos, família ou até mesmo na escola é perceptível manifestações racistas, e normalmente o portador de fala preconceituosa é negro.

Presenciei uma cena que na comunidade é algo corriqueiro, ao conversar com uma jovem mãe negra em torno dos seus 37 anos, estava acompanhada de sua filha de aproximadamente 12 anos durante uma conversa informal, observei sua atitude com a filha que ao fazer uma brincadeira/gestos, ela a repreendeu dizendo *“para com isso menina, parece coisa de negro!”* e fiquei a observar a reação da filha que rapidamente refutou a mãe convicta em sua fala. *“mas eu sou filha de negro!”* a mãe rapidamente a repreendeu. *“não, você não é filha de negro! olha minha cor, sou cor de canela. negro é aqueles lá da serra, aqueles*

quilombola do Evaristo". A adolescente calou-se e tomou aquilo como verdade absoluta e incontestável.

Termos depreciativos como "A coisa tá pretos", "Não faça trabalho de negro", "Parece coisa de negro", os de senso comum como "gato preto dá azar", passei minha infância ouvindo minha avó falando "negro quando não apronta na entrada, apronta na saída" ou se algum dos trabalhadores da fazenda fazia algo de errado, desastroso ou que a fizesse rir ela parava e dizia "só podia ser negro", no momento em que a Europa transforma o humano como branco o preto tornou-se a sua contracor e por retratar a oposição de todas as outras cores foi associado às trevas primitivas. Ainda neste ponto Kabengele Munanga (1986, p.15) ainda reforça:

"Na simbologia de cores da civilização Européia, cor preta representa uma mancha moral e física, a morte e a corrupção, enquanto a branca remete à vida e à pureza. Nesta ordem de idéias, a Igreja Católica fez do preto a representação do pecado e da maldição divina. Por isso, nas colônias ocidentais da África, mostrou-se Deus como um branco velho de barba e o Diabo um moleque preto com chifrinhos e rabinho".
(KABENGELE, p. 15-16)

Durante a reunião de pais aproveitei a oportunidade e perguntei-lhes como eles se identificavam com a cor da sua pele. Surpreendi-me a cada resposta, surgiram 8 tipos de cores diferentes, a cor mais próxima à cor negra que o morador usou foi café com leite, e ainda justificou que a cor da pele só estava mais escura por causa do sol. A problemática identitária da comunidade Jordão é algo muito forte. Infelizmente não se é trabalhada com os moradores meios para a construção e representatividade da identidade afrodescendente.

"O sujeito se constrói a partir de marcas diferenciais provindas dos outros" (NASCIMENTO, 2003, p. 32) Neste sentido a identidade se forma a partir do processo contínuo de diálogos, vivências, interações que temos no nosso meio social.

É perceptível que a palavra "negra" causa certo espanto e rejeição, é quase que automático a repulsa quando sai a seguinte pergunta "você considera a sua cor negra?" é visível o desconforto pelas pessoas quando conversamos sobre tal questão, é como se o inconsciente negasse tal semelhança, essa atitude de negação é algo consciente ou inconsciente de se recusar a aceitar fatos, informação ou realidade, é um mecanismo de defesa que o próprio corpo é feito para nos fazer acreditar que certa situação não é realmente verdade. A ligação feita involuntariamente ente negro é igual a escravidão, pobreza, e isso é causado por diversos fatores como social, cultural, econômico.

A colonização ainda surte efeito, o fator predominante clássico de um passado distante sempre presente. Pode ser observado tais afirmações a partir das representações que o meio social, a mídia a justiça tem feito na tentativa de representatividade da população negra.

Vivemos em um país racista, em uma sociedade desigual e brutal com seus processos de embranquecimento. Onde a população negra se sente excluída do meio social. A partir deste momento a o início da transição de costumes, cultura, expressões e a ânsia de estar inserido, de fazer parte daquela sociedade branca. Pois tudo que é mostrado sobre a cultura negra é a escravidão, gerando intuitivamente a repulsa da sua própria cor, corpo e cabelo. O corpo negro é estereotipado desde o cabelo a tonalidade da cor da sua pele, onde o cabelo do negro é o ruim, o feio e a cor da pele não é o mais comum, e inúmeras situações indesejadas que são agregadas a cor negra.

Os moradores têm apenas um conhecimento deficiente sobre questões de negritude e África relacionando negro igual a escravidão, pobreza, sofrimento, tudo que o racismo foi criado para fazer, diminuir o valor do homem negro, um sistema perfeitamente criado e internalizado feito para perpassar por décadas e gerações. Mas como culpar os moradores se não há representatividade das relações étnico-raciais.

A representação é o processo pelo qual membros de uma cultura usam a linguagem para instituir significados. Essa definição carrega uma premissa: as coisas, os objetos, os eventos do mundo não têm, neles mesmos, qualquer sentido fixo, final ou verdadeiro. Somos nós, em sociedade, entre culturas humanas, que atribuímos sentidos às coisas. Os sentidos, conseqüentemente, sempre mudarão de uma cultura para outra e de uma época para outra.

(HALL, 1997, p. 61)

A representação que os moradores da comunidade do Jordão leva aos moradores quilombolas do Evaristo relacionando a cor retinta da pele aos negros escravizados fugitivos. Como no dito popular “filho de peixinho, peixinho é” dito por uma mãe na reunião de pais e mestres. Como diz Edith Piza: “[...] o lugar do negro é o lugar de seu grupo como um todo e do branco é o de sua individualidade. Um negro representa todos os negros. Um branco é uma unidade representativa apenas de si mesmo”. Para complementar Serge Moscovici ressalta que “[...] o racismo é o caso extremo em que cada pessoa é julgada, percebida, vivida, como representante de uma sequência de outras pessoas ou de uma coletividade”.

6.4. HERANÇA: SILÊNCIO FAMILIAR, INSTITUCIONAL, TRAUMAS.

Ouvindo e vendo tais atitudes racistas e preconceituosas perpassada pelo cotidiano escolar e familiar, cresci ouvindo esses discursos “comuns” e observando meus primos mais novos refletindo as mesmas atitudes dos seus pais (meus tios), que iam deixando como herança para os mais novos. Essas inúmeras expressões alusivas ao negro utilizadas cotidianamente que desdenham e que estão tão presentes em provérbios, poemas, músicas, entre outras deixando subentendido que tais expressões reproduzem a idéia da pressuposta inferioridade da raça negra onde até mesmo os próprios são usuários de tais termos, consequentemente reproduzindo os valores que consomem, principalmente pelos meios televisivos que apenas reproduzem e priorizam a branquitude.

A escola de ensino fundamental Francisco Airton Amora Vasconcelos da comunidade do Jordão trabalha com crianças até a 5ª série do ensino fundamental, com crianças até 10 anos, no ano de 2017 houve problemas políticos com a comunidade e com relação a transporte escolar para a locomoção de alunos que iriam ingressar na 6ª série na escola do centro de Baturité, pois não havia tal série na escola da comunidade do Jordão. Foi proposto as mães dos alunos a transferência dos seus filhos para a escola de ensino fundamental Osório Julião da comunidade do Evaristo que leciona até a 9ª série, porém a reprovação foi surpreendente, mesmo com a proximidade da comunidade do Evaristo para com a escola da comunidade do Jordão e com o acesso de transporte para as crianças, as mães ainda optaram pela escola no centro da cidade, mesmo com a dificuldade de locomoção dos alunos.

Os motivos usados pelas mães para justificar a recusa da proposta, colocando em ênfase o mais discutido foi a alegação de um ensino “diferente”. Foi questionada a seguinte pergunta. “diferente como”? As mães usaram e buscavam incontáveis meios de subterfúgios para sair daquela situação. A principal afirmação que, por ser uma comunidade negra e quilombola haveria uma educação diferente das outras escolas, e que aquela escola não serviria para seus filhos, pois eles não tinham nada haver com as pessoas que residem na comunidade do Evaristo. A frase mais usada entre as mães: “a escola de lá é pros quilombola, aqueles negros de lá, meu filho vai fazer o que lá?”.

A desaprovação vinda dos pais de uma possível transferência era refletido para as crianças, era notável a rejeição das crianças ao saberem da provável mudança, mesmo sem ter o conhecimento da situação às crianças insistiam em ser transferidas para o colégio do centro de Baturité. No final das reuniões as crianças se retiravam do local reproduzindo o mesmo discurso discriminatório que acabara de escutar de seus pais, levando esse mesmo discurso

para a rua, ultrapassando os portões da escola, ficando nas paredes das salas de aulas fazendo novas reproduções preconceituosas.

A família é a base em muitos casos para originar o racismo, todo e qualquer preconceito, onde à uma extrema resistência, e uma luta diária entre família/escola.

A relação diária com crianças de quatro a seis anos permitiu-me identificar que, nesta faixa de idade, crianças negras já apresentam uma identidade negativa em relação ao grupo étnico a que pertencem. Em contrapartida, crianças brancas revelam um sentimento de superioridade, assumindo em diversas situações atitudes preconceituosas e discriminatórias, como por exemplo, xingando e ofendendo as crianças negras, atribuindo à cor da pele caráter negativas. (CAVALLEIRO, 2000, p.)

O impacto da educação escolar quilombola da serra do Evaristo na comunidade do Jordão trouxe inúmeros questionamentos aos pais das crianças da escola Francisco Airton Amora Vasconcelos e aos professores. Os educadores da comunidade do Jordão encontram inúmeras barreiras para que possa ser trabalhado em sala as relações étnico-raciais.

Os obstáculos encontrados com o sistema educacional e com as políticas públicas que dificultam o acesso aos materiais didáticos para trabalhar com assuntos em sala como, preconceitos e discriminação encontrados na escola, a inclusão de projetos, debates, e até mesmo com a qualidade da formação dos professores/ras. Perante a tantos contratemplos os educadores da comunidade do Jordão optam pela facilidade de não se trabalhar as questões étnico-raciais, racismo ou intolerância, questões de suma importância e que nas diretrizes do último Projeto Político Pedagógico (PPP) feito da escola Francisco Airton Amora Vasconcelos não consta, documento no qual reflete a proposta educacional da escola onde desenvolve trabalhos seja individual ou coletivo e que de acordo com os professores o último PPP da escola foi escrito em 2002, desde então não foi atualizado. No entanto há inquietações com ato de omissão dessas temáticas:

[...]que temáticas sociais e culturais são omitidas, não são discutidas ou simplesmente não são consideradas importantes para a sua formação profissional e para o processo educacional dos seus alunos? Será que a questão racial está incluída nessas temáticas omitidas ou silenciadas? (GOMES, 2003, p. 169)

A preocupação com a formação dos professores/ras é perturbador, mas será que uma mudança na formação dos mesmo será suficiente para transformar o campo da educação em um ensino diversificado?

É preciso hoje formá-los mais adequadamente tanto em seu percurso inicial quanto em serviço. Mas apenas investir numa melhor formação não é o suficiente. Pois há vários espaços formadores que interferem na sua competência profissional e pedagógica, mas quais são eles? (GOMES, 2003, p. 169)

Resguardar esse processo educativo das relações étnico-raciais nas escolas públicas e privadas é essencial para a formação não apenas de saberes, pois a instituição escolar é influenciadora na formação social e cultural, tendo um papel indispensável na formação da construção identitária, inicialmente nas bases da educação dentre as primícias do ensino básico, onde o aprendizado e a partilha dentre as crianças não é apenas conhecimento escolar, mas também o compartilhamento de crenças, hábitos, valores, preconceitos de gênero, raciais de classe e de idade.

Para que se haja mudanças na sociedade, a escola é a um dos meios principais na formação de ideologias, “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”. (FREIRE 2000).

De acordo com a lei 10.639, sancionada em pelo governo federal em março de 2003 tornou obrigatório a inclusão no currículo escolar do ensino fundamental e médio a introdução da história africana e afro brasileira nas escolas públicas e particulares. Essa implementação em teoria nas escolas teria um papel significativo pois resgataria historicamente a contribuição esquecida dos negros da construção e formação da sociedade brasileira.

É dessas pequenas falhas e da ausência de conhecimento da história dentro da educação que, afetam crianças e jovens negros, pois desde o início não teve o conhecimento da sua história, da real importância da sua cor, criando rejeição de sua própria identidade, fazendo o possível para encaixar-se em um padrão branco imposto em nosso meio social, uma sociedade que, historicamente, ensina ao negro, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo, é um desafio enfrentado pelos negros brasileiros. (GOMES, 2003, P. 171).

6.5. ESTEREÓTIPOS: CABELO, COR, QUEM EU SOU?

As primeiras mudanças encontradas nas crianças negras da comunidade do Jordão é a mudança em seus cabelos, crianças de cabelos cacheados ou crespos que não gostam da imagem que o espelho reflete de si, pois não condiz com o que é desejado, popular, o “adequado”. As mães são as principais apoiadoras desse processo abusivo de alisamento. O

cabelo crespo, objeto de constante insatisfação (GOMES, 2002, p. 8). Falar sobre cabelo é inevitável não falarmos sobre identidade.

Assim, como em outros processos identitários, a identidade negra se constrói gradativamente, num processo que envolve inúmeras variáveis, causas e efeitos, desde as primeiras relações estabelecidas no grupo social mais íntimo, em que os contatos pessoais se estabelecem permeados de sanções e afetividade e no qual se elaboram os primeiros ensaios de uma futura visão de mundo. Geralmente tal processo se inicia na família e vai criando ramificações e desdobramentos a partir das outras relações que o sujeito estabelece. (GOMES, 2003, P. 171)

As crianças da comunidade do Jordão que em sua maioria tem cabelos cacheados e crespos, da cor da pele negra uns mais retintos que outros, percebi que na faixa etária de 7 a 11 anos aproximadamente tem seu cabelo alisado. O cabelo no entanto é também um formador no processo de identidade dessas crianças, no momento que, desde de muito nova sofre com os processos dolorosos de pentear, desembaraçar, puxar e ouvir a mãe reclamar do quão difícil é pentear aquele cabelo, muitas vezes dizer que o cabelo é ruim, e ao chegar na escola a se for com o cabelo solto amarrar e falar que está assanhado, no mesmo momento vê uma coleguinha de classe com o cabelo liso pele clara aparentemente mais bonito que todos elogiam, passam a mão, é altamente traumatizante.

O cabelo do negro, visto como “ruim”, é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito. Ver o cabelo do negro como “ruim” e do branco como “bom” expressa um conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar da inferioridade ou a introjeção deste.(GOMES, 2002, p. 3)

A primeira mudança na tentativa de ser aceito no grupo da escola, é a mudança no cabelo, senti na pele o peso desse processo químico, por quase dez anos utilizei desse processo na tentativa de me encaixar nos padrões, recordo que tive que economizar por muito tempo para poder pagar esse procedimento, e a minha família sempre apoiou, quando consegui percebi que todos na escola me deram mais atenção, as professoras disseram que ficou melhor, mais bonito, mais sedoso, e o curioso disso tudo é que até atenção na sala os professores/ras passaram a me dá, conversas, brincadeiras, faziam tranças dentre outros penteados no meu cabelo, me senti menos invisível. Me questionei o porquê de não ter feito antes. “Como a questão racial é um aspecto que está presente no meio escolar e acaba se

tornando elemento curricular, mesmo que os professores não tenham clareza dessa ocorrência” (OLIVEIRA; ABRAMOWICZ, 2010, P. 209)

Os preconceitos encontrados dentro da escola no ensino infantil da escola do Jordão em especial é algo comum na qual professores/as tratam como algo normal, entre brincadeira de crianças quando a menina/o negros são retirados de brincadeiras, xingados de atrasado, burro, feio, sujo, o professor posiciona afirmando ser apenas coisa de criança.

O silêncio do professor facilita novas ocorrências desse tipo, reforçando inadvertidamente a legitimidade de procedimentos preconceituosos e discriminatórios no espaço escolar e, a partir deste, para outros âmbitos sociais, a autora ainda afirma que tais atitudes são anti-educativa. (CAVALLEIRO,1998, p. 12)

Uma didática excludente, racista, principalmente quando falamos da literatura infantil internalizando a cor negra como ruim, com personagens negros como a empregada, o burro, o que não merece confiança, estereótipos criados e demonstrados em livros que são perpassados e incorporados, incluindo também as mídias de narrativas preconceituosas, racistas e discriminatórias. O que irá se passar na cabeça de uma criança negra ao vê essas representações? Há uma violência na imagem dessa criança negra, pois ela não irá se reconhecer nessa obra. como ela irá reagir ao perceber que as crianças de pele clara, cabelo liso, olho azul é tão bem tratada, e tão bem representada, mais inteligente? e como essa criança irá se sentir com o professor/a reprodutor desse ensino?

A escola se tornou âmbito de repressão e preconceito, quantas crianças que assim como eu sofreram e sofrem traumas na sua infância e a principal autora da violência é a escola. E infelizmente os professores e a família ajudam a internalizar esse racismo, essa violência, fazendo com que essas crianças sintam um desejo desesperado de mudar seus corpos para se sentir aceito. Que adolescente, adulto traumatizado essa criança irá se tornar?

O processo de socialização na primeira infância implica conhecer as atitudes e os comportamentos dos familiares, adultos e jovens, ligados não somente ao cuidado da criança, mas também a todo o conjunto de normas, regras e crenças praticados e valorizados pelo grupo. (CAVALLEIRO, 1998, p. 12)

É de suma importância que haja cooperação entre escola e família, a mesma relevância que existe em trabalhar as relações étnico-raciais na escola da comunidade do Jordão é necessário trabalhar o núcleo familiar.

Não se concebe um desenvolvimento proporcionado exclusivamente pela educação formal, como também não se entende esse desenvolvimento sendo realizado unicamente pelo grupo familiar. Afinal, juntas, escola e família são responsáveis pela formação do indivíduo. Não se pode valorizar a escola em oposição à educação familiar e vice-versa. Ambas desempenham funções de profunda importância. (CAVALLEIRO, 1998, p. 15)

É necessário que haja representações fiéis sobre o corpo negro, o afrodescendente, desconstruir ideologias internalizadas sobre África, é fundamental trabalhar com as crianças negras a sua autoestima, de aplicar relações raciais na literatura infanto-juvenil, promover debates sobre as estéticas africanas, é preciso tirar do papel a utopia da lei 10.639 e concretizá-la nas salas de aula da escola da comunidade Francisco Airton Amora Vasconcelos. Perguntar às crianças quem elas são? desenvolvendo o autoconhecimento e construindo sua identidade na real maneira de ser, ao invés de perguntar “quem você quer ser quando crescer”?

[...]para o negro e a negra, a forma como o seu corpo e cabelo são vistos por ele/ela mesmo/a e pelo outro configura um aprendizado constante sobre as relações raciais. Dependendo do lugar onde se desenvolve essa pedagogia da cor e do corpo, imagens podem ser distorcidas ou ressignificadas, estereótipos podem ser mantidos ou destruídos, hierarquias raciais podem ser reforçadas ou rompidas e relações sociais podem se estabelecer de maneira desigual ou democrática. (NILMA, 2002 p. 5)

Após semanas de reuniões e debates sobre a ida dos alunos do Jordão para a escola da comunidade quilombola do Evaristo, o caso quase levado à justiça, algumas mães cederam, matricularam seus filhos na comunidade do evaristo, os alunos com muita insistência aceitaram a ida para a nova escola. Com a ida desses alunos do Jordão para o Evaristo, como terá sido a adaptação dos alunos do Jordão a uma nova metodologia de ensino? como se sentiram no novo ambiente com os novos colegas de sala? e os alunos da escola Osório Julião como se sentiram com os novos integrantes na escola? como os professores trabalharam as relações étnico-raciais na escola agora reproduzindo para os alunos da comunidade do Jordão?

7. METODOLOGIA

Este projeto de pesquisa propõe-se investigar o impacto da educação quilombola da comunidade do Evaristo na comunidade do Jordão: as relações étnico-raciais, estigmas e preconceito. Para a execução deste estudo, será manuseada a pesquisa de natureza qualitativa, visto que se pretende observar ações e relações dos moradores já citados a cima.

A pesquisa qualitativa é um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano. O processo de pesquisa envolve as questões e os procedimentos que emergem os dados tipicamente coletados no ambiente do participante, a análise dos dados indutivamente construída a partir das particularidades para os temas gerais e as interpretações feitas pelo pesquisador acerca do significado dos dados. (CRESWELL, 2011, p. 26)

Ademais, será utilizado método de entrevista semi-estruturada, pondo em foco os moradores da comunidade do Jordão, vital para a progressão deste projeto. Deste modo o antropólogo Oliveira (1996), o ato de ouvir deve ser um trabalho minucioso, com precaução e que mantenha uma relação dialógica e de interação entre o entrevistador e o entrevistado.

Desta maneira, para que se possa alcançar os objetivos propostos, se faz necessário não apenas entrevistar os moradores das duas comunidades, a comunidade quilombola da serra do Evaristo e a comunidade do Jordão e obter dos discursos, também se é fundamental estar inserido no campo de pesquisa. No momento em que apenas o ouvir se torna insuficiente, para que se possa alcançar a totalidade do objeto em questão.

A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas [...]. (GONÇALVES, 2001, p. 67)

De modo que, se é necessário que haja disponibilidade do pesquisador para a inserção e observação. Deste modo, o antropólogo François Laplantine afirma que:

Essa auto-suficiência do pesquisador, convencido de ser "objetivo" ao libertar se definitivamente de qualquer problemática do sujeito [...] pois o estudo da totalidade

de um fenômeno social supõe a integração do observador no próprio campo de observação. (1943, p. 139).

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G.. **Ofício de mestre**. imagens e auto imagens. Petrópolis: Vozes, 2001, s/p

BÂ, Amadou Hampâté. **Amkoullel**, o menino fula. São Paulo: Palas Athena/Casa das Áfricas, 2003, p. 32

BERGER, Peter; LUCKMAN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: vozes, 1976. p. 230

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1981

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1981

BRASIL, Constituição da República Federativa do Brasil. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais. 1988

BRASIL, LEI No. 9.394. LDB - Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. de 20 de dezembro de 1996.D.O.U. de 23 de dezembro de 1996

BRASIL. Lei 10.639, 9 de janeiro de 2003. D.O.U de 10/01/2003

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Diretrizes Curriculares Nacionais e para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira Africana. CNE/ CP 3 / 2004, de 10 de março de 2004.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Referências para uma Política Nacional de Educação do Campo. *Cadernos de Subsídios*. Fevereiro de 2004.

CAVALLEIRO, Eliane. **DO SILÊNCIO DO LAR AO SILÊNCIO ESCOLAR: Racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 1998. 240 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Faculdade de Educação, São Paulo, 1996. Disponível em: <<http://revistas.ufac.br/revista/index.php/RFIR/article/download/2000/1171>>. Acesso em: 20 set. 2018.

CRESWELL, W. John. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

cultura em movimento: matrizes africanas e ativismo negro no Brasil/ Elisa Lakin Nascimento, (org.). São Paulo : Selo Negro, 2008. (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira; 2)

D'Adesky, J. (2001). *Pluralismo étnico e multiculturalismo: racismos e anti-racismos no Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas.

DOMINGOS, Luís Tomás. Entre estigmas e traumas de violência de colonização e escravidão: afirmação de identidade afro descendência. **Identidade**, São Leopoldo, v. 22, n. 2, p.191-208, dez. 2017. Disponível em: <<http://www.sindjorce.org.br/wp-content/uploads/2018/09/Artigo-Entre-estigmas-e-traumas-da-escravid%C3%A3o-e-coloniza%C3%A7%C3%A3o-1.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2018.

DOMINGOS, Luís Tomás.CONTEXTO GERAL. Rede União. **Youtube**. 02 out. 2018. 53 min18seg. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pLNrM3rfrCQ>> , acessado em: 15 Out. de 2018.

FREIRE, Paulo. **PEDAGOGIA DO OPRIMIDO**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz Terra, 1987. 107 p. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/paulo_freire_pedagogia_do_oprimido.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2018.

Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil/ Eliane dos Santos Cavalleiro 6. ed. , 1a reimpressão - São Paulo: contexto, 2014

FANON, Frantz, *Peles negras, máscaras brancas*. Porto: Sociedade Distribuidora de Edições Ltda., 1974.

FREIRE, Paulo, 1921-1997: *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos/ Paulo Freire* - São Paulo: editora UNESP-2000, s/p.

GONSALVES, E.P. *Iniciação à pesquisa científica*. Campinas, SP: Alínea, 2001.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Caminhos da identidade ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo*. São Paulo: Unesp, 2006.

GOMES, Nilma Lino. *Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte*. São Paulo:USP, 2002 (tese: doutorado).

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 1, p.167-182, jun. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n1/a12v29n1.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2018.

HALL, Stuart. *The Work of Representation*. In: _____. *Representation, Cultural Representations and Signifying Practices*. Londres/Nova Deli: Thousands Oaks/Sage, 1997, p. 61.

KABENGELE, Munanga, negritude usos e sentidos. 1986, p. 15-16.

LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

MOSCOVICI, Serge. A representação social da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p. 64.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil. São Paulo: Summus, 2003, p. 32

NOVAES, Sílvia Caiuby. Jogo de espelhos. São Paulo:EDUSP,1993.

OLIVEIRA, Fabiana de; ABRAMOWICZ, Anete. INFÂNCIA, RAÇA E “PAPARICAÇÃO”¹. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 2, p.209-226, 2010. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Corpo-e-cabelo-como-s%C3%ADmbolos-da-identidade-negra.pdf>>. Acesso em: 11 set. 2018.

Orlandi EP. Análise de discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes; 1999.

Orientações e ações para a educação das relações Étnico-Raciais Brasileira: SECAD, 2006.

PAIVA, V.L.M.O. Metáforas Negras. In PAIVA, V.L.M.O. (Org.). Metáforas do Cotidiano. Belo Horizonte: UFMG, 1998. p.105-119 METÁFORAS NEGRAS

RATTS, Alecsandro José Prudêncio. As etnias e os outros: as espacialidades dos encontros/confrontos. In: Revista Espaço e Cultura n°17-18, RJ, 2004

SANTOS, Milton. Ser negro no Brasil hoje: Ética enviesada da sociedade branca desvia enfrentamento do problema negro. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p. 01-04. 07 maio 2000. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/772221/mod_resource/content/1/S>. Acesso em: 13 set. 2018.

<https://www.geledes.org.br/ desigualdade-como-legado-da-escravidao-brasil/> acessado em 05-05-18

<https://www.ufmg.br/boletim/bo11203/pag4.html> acessado em 05-05-18

<http://www.veramenezes.com/metaforas.htm> acessado em 05-05-18

<https://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias-ensino/lei-10639-03-ensino-historia-cultura-afro-brasileira-africana.htm> acessado em 12-06-2018

http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/orientacoes_etnicoraciais.pdf usar na nota de rodape